

A CULTURA E A SOCIABILIDADE NA REFORMA AGRÁRIA: UM ESTUDO SOBRE A QUERMESSE DO ASSENTAMENTO TUPANCIRETÃ EM PRESIDENTE VENCESLAU – SÃO PAULO

Fernando Henrique Ferreira de Oliveira¹

Luis Antonio Barone²

Vera Lúcia Silveira Botta Ferrante³

RESUMO:

Este trabalho visa compreender o meio rural brasileiro a partir de uma abordagem cultural, priorizando entender o modo de vida, os conhecimentos e as tradições vivenciadas no âmbito de um assentamento de reforma agrária da região do Pontal do Paranapanema. Para isso, analisamos os espaços e os sujeitos que contribuem para a realização de uma quermesse, entendida como um fenômeno que possibilita as relações de sociabilidade entre as famílias assentadas, no assentamento. A pesquisa objetivou identificar aspectos do patrimônio cultural nos assentamentos de reforma agrária. Analisamos o patrimônio imaterial sob as esferas da religiosidade e da sociabilidade - uma vez que estas dimensionam os espaços do assentamento. Do ponto de vista metodológico realizamos uma entrevista informal e um documentário fotográfico, buscando identificar elos com o modo de vida dos assentados. Portanto, o estudo em tela buscou entender as dimensões do patrimônio cultural imaterial e dos saberes tradicionais no assentamento rural Tupanciretã, situado em Presidente Venceslau, SP.

Palavras-chave: Assentamentos – Reforma Agrária – Rural Tradicional – Festas Religiosas – Quermesse.

INTRODUÇÃO

Na condição histórica atual em que estamos inseridos, denominada de pós-modernidade⁴, há uma maior adesão a pluralidades de mídias eletrônicas e digitais, à valorização do consumo e da racionalidade. Portanto, esse cenário preconiza o fenômeno da globalização como balizador das relações sociais, onde há o predomínio

¹ Geógrafo, aluno do curso de Mestrado do Programa de Desenvolvimento Territorial e Meio Ambiente da Universidade de Araraquara (UNIARA), Araraquara – São Paulo.

² Sociólogo, professor assistente doutor do Departamento de Planejamento, Urbanismo e Ambiente da FCT/UNESP, Presidente Prudente – São Paulo.

³ Socióloga, professora coordenadora do curso de Mestrado do Programa de Desenvolvimento Territorial e Meio Ambiente da Universidade de Araraquara (UNIARA), Araraquara – São Paulo.

⁴ O geógrafo britânico David Harvey (1996) entende a pós-modernidade como uma condição histórico-geográfica materializada nas dimensões do espaço e do tempo, construídas a partir do desenvolvimento do sistema capitalista.

do instantâneo, da perda das fronteiras, gerando a ideia de que o mundo está cada vez menor com o avanço da tecnologia (CAVALCANTE, 2016).

No momento atual, caracterizado pela valorização da racionalidade, da estética, do consumo e da tecnologia, as tradições e os saberes populares, tentam sobreviver em alguns cenários, como em comunidades rurais, ou se ressignificam com elementos contemporâneos da atual sociedade globalizada. Acreditamos que a festa é um fenômeno social que possibilita entender essas transformações no interior da sociedade contemporânea.

Nesse sentido, “a modernidade e sua racionalidade elaboram uma perspectiva de ações que diminuem a importância das tradições; devido ao caráter de ruptura com o passado, estas ficaram renegadas a um segundo plano ou se colocaram num estado de dormência” (D’ABADIA; ALMEIDA, 2009, p. 73).

Na contemporaneidade “as tradições são retomadas e conseqüentemente são ressignificadas” (D’ABADIA; ALMEIDA, 2009, p. 73), ou seja, para sobreviver na pós-modernidade os elementos tradicionais se confluem com elementos modernos como forma de resgatar e preservar a tradição.

No caso do Assentamento Tupanciretã, situado no município de Presidente Venceslau, SP, vimos que a sociabilidade ligada ao universo rural tradicional ocorre por meio da quermesse, uma festa de cunho religioso, que marca o momento de união das famílias assentadas em prol de causas sociais comuns. No caso estudado, a festa ocorreu para arrecadar fundos para a construção de um novo barracão de uso coletivo.

Segundo as famílias assentadas, a festa é um fenômeno tradicional dentro do assentamento, tendo em vista que ela ocorre todos os anos no mês de outubro com o objetivo de arrecadar fundos para Capela ou para melhorias no âmbito do assentamento. Em campo pudemos observar que a quermesse recebe tanto as pessoas do assentamento como do município e de algumas cidades da região.

No interior da festa, constatamos a celebração das famílias, além da realização de prendas, música caipira e sertaneja. Observamos que as comidas mais tradicionais, como os bolos, o churrasco no espeto e a mandioca cozida – prato principal da festa – se misturam com alguns alimentos processados – refrigerante cerveja e sorvete – difundidos pela cultura contemporânea, o que indica uma ressignificação da quermesse, na medida em que o tradicional conflui com o moderno.

De modo geral, esse estudo, é resultado da minha pesquisa de monografia de bacharelado em Geografia, onde estudei os aspectos da cultura rural tradicional no contexto dos assentamentos de reforma agrária, concluída em março de 2015.

Para entender essa dinâmica realizamos trabalhos de campo no assentamento rural Tupanciretã com a finalidade de conhecer as práticas tradicionais produzidas nesse espaço e entender a organização do modo de vida dos assentados, mesmo reconhecendo que essas práticas estavam correndo o risco de desaparecer, pois seus portadores estavam morrendo.

Do ponto de vista metodológico realizamos uma entrevista informal com o Senhor Nego (organizador da festa) e registramos por meio de fotos a realização da quermesse. Destacamos especialmente a pesquisa bibliográfica, que nos propiciou entrar em contato com alguns autores clássicos sobre a cultura popular tradicional, como Luis da Câmara Cascudo e Antonio Cândido.

O CONTEXTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO DOS ASSENTAMENTOS DE PRESIDENTE VENCESLAU - SP

Maciel (2009) mostra que o histórico das ocupações dos assentamentos Tupanciretã e Primavera são resultantes das ações dos movimentos sociais, tanto do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra) quanto do ABUQT (Associação dos Brasileiros Unidos Querendo Terra) no contexto do Pontal do Paranapanema.

Quando se fala em movimentos sociais na luta pela reforma agrária no Brasil, a primeira imagem que vem à mente das pessoas é o MST, que é um dos movimentos mais conhecidos no país. O MST surge na década de 80 por meio da participação dos movimentos pastorais da Igreja Católica, que “seguiram a vertente da teologia da libertação, coordenada por setores progressistas, que priorizam as discussões políticas e sociais, ao invés das questões religiosas propriamente ditas” (MACIEL, 2009, p.59).

O histórico de constituição dos assentamentos Primavera e Tupanciretã às vezes se confunde com a história da ABUQT, por se tratar das primeiras ocupações do movimento (MACIEL, 2009, p.81).

Segundo Maciel (2009), os primeiros sinais de reforma agrária no município de Presidente Venceslau, SP apareceram quando um grupo de pessoas ligadas ao movimento foram convidadas a participar de uma reunião, tendo em vista que haviam

terras a serem distribuídas pelo Estado. Sobre a trajetória desses sujeitos, a autora escreve que:

O grupo que estava com a Brasileiros Unidos não tinha nenhum vínculo como associado, o que não era muito diferente do que acontecia com o MST que também não tinha um envolvimento efetivo de seus membros naquele local. A falta de envolvimento é demonstrada pela falta de informações, pois os assentados não conseguem fornecer detalhes a respeito do processo de desapropriação iniciado antes mesmo de ocuparem as terras, muito menos da formação do movimento (MACIEL, 2009, p.81).

Portanto, a integração das pessoas ao movimento se deu a partir dessa reunião, em que se discutiu todo o processo de distribuição de terras, na medida em que várias fazendas estavam em processo de desapropriação na época. Descrevendo a primeira ocupação sob o ponto de vista de uma assentada,

O MST entrou na fazenda [Fazenda Primavera], quando era a fazenda antigamente, mas teve também outro movimento que se chamava Brasileiros Unidos que também entrou, então tem dois movimentos sociais aqui dentro, aí teve essa repartição da Primavera 1, que é mais MST, e da Primavera 2, que é mais Brasileiros Unidos, eu por mim no meu modo de pensar eu gostaria que não houvesse essa repartição que cria meio que um atrito (DORA – liderança feminina do assentamento Primavera - *apud* MACIEL, 2009, p.81).

Os assentados no Tupanciretã encaram o MST como um movimento mais conflituoso, marcado por relações de atrito. Ainda que, por não serem denominados de “sem terra”, a ABUQT é entendida pelos assentados como um movimento social menos conflituoso e menos criminalizado, por isso “conseguia abarcar pessoas que estavam dispostas a conquistar sua própria terra” (MACIEL, 2009, p.81).

No ano de 1997, os assentados foram encaminhados pelo ITESP para o lote provisório. Passado o período de experiência, foi concedido às famílias um lote permanente de 20 hectares no assentamento em tela (MACIEL, 2009).

De acordo com Maciel (2009), o grupo que estava com o movimento da ABUQT, ficou com as terras do Tupanciretã e parte do Primavera (denominado de Primavera I). Já o grupo que ocupou as terras juntamente com o MST, ficou em outra parte do Primavera (Primavera II). Percebe-se que a divisão das famílias no lote ficou dividido entre os dois movimentos sociais.

Com a implantação dos assentamentos, criaram-se duas associações no P.A. Primavera: a Renascer e a Campos Verde. No P.A. Tupanciretã, criou-se uma associação com o nome do assentamento, com o objetivo de organizar a produção, a comercialização e a aquisição de crédito. Os dois assentamentos estão sob a responsabilidade do ITESP (Instituto de Terras do Estado de São Paulo) e ambos não possuem agrovilas. O espaço institucional está localizado nas sedes das antigas fazendas.

No Tupanciretã, a situação é precária: há apenas o posto de saúde funcionando, o que faz com que muitos tenham que se deslocar para o Primavera, (inclusive para colocar o leite no tanque de resfriamento) distante 10 km, ou para a cidade de Presidente Venceslau (MACIEL, 2009, p.84).

No Assentamento Primavera, o espaço institucional conta com uma Escola (Quadra, sala de aula, refeitório e alojamento para professores), um Posto de Saúde, uma Panificadora (que no momento está desativada), uma sala para reuniões e abrigo para os tanques de resfriamento de leite, adquiridos recentemente, pelas duas associações, por meio do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MACIEL, 2009).

FESTAS POPULARES

As festas surgem como uma das manifestações sociais dos grupos humanos cujo acontecimento é datado de um passado remoto, quando o *homem faber*, deixa o estágio de caçador-coletor para tornar-se agricultor (Araújo, 1977). Sendo assim,

há na aurora das festas aquela preocupação mágica de agradecer a natureza ou suplicar para que ela, entidades supraterras ou divindades, não permitam as pragas, danos ou malefícios nas plantações, praticando, portanto ritos protetivos e produtivos (ARAÚJO, 1977, p. 11).

Nesse contexto, as festas estão atreladas à produção, aos meios de trabalho, exploração e distribuição, sendo consequência das forças produtivas da sociedade e vista como uma força de coesão social, de sociabilidade e de solidariedade entre as comunidades (Araújo, 1977).

D'Abadia e Almeida (2009) realizam uma reflexão a respeito da inserção e do contexto das festas religiosas católicas que se apresentam na pós-modernidade. As

autoras entendem a pós-modernidade como “uma condição histórica da sociedade contemporânea” (D’ABADIA; ALMEIDA, 2009, p. 58).

Nesse sentido,

As festas religiosas são manifestações de cunho religioso cultural que se apresentam em diferentes continentes e momentos históricos da humanidade. Elas expressam a construção simbólica e cultural de determinados grupos de pessoas seguidoras da crença religiosa no interior da qual se concebe a festa (D’ABADIA; ALMEIDA, 2009, p. 58).

No caso brasileiro, as festas religiosas definem-se como herança cultural portuguesa deixada pela Igreja Católica no território brasileiro. Para as autoras, “essa herança religiosa, voltada para o catolicismo, foi solidificada no processo de ocupação e dominação das terras brasileiras (D’ABADIA; ALMEIDA, 2009, p. 58).

Nesse sentido D’Abadia e Almeida (2009) escrevem que:

A palavra festa vem do latim e significa: reunião alegre para fim de divertimento; o conjunto das cerimônias com que se celebra qualquer acontecimento; solenidade, comemoração; dia santificado, de descanso, de regozijo; comemoração litúrgica, solenidade da Igreja; romaria; regozijo, alegria, júbilo. Também se relaciona a trabalhadeira, cuidados, barulho (D’ABADIA; ALMEIDA, 2009, p. 58).

Para Brandão (1989); D’Abadia e Almeida (2010) o surgimento das festas populares está relacionado às múltiplas trajetórias e situações de vida do homem. Essas festas surgiram como uma forma de homenagem aos deuses e à natureza pelas preces atendidas.

As festas populares, em geral, se definem como espaços de reprodução e transferência de saberes tradicionais, que são resgatados a partir dos fazeres cotidianos, da sociabilidade, da memória social e da religiosidade. Jurcevitz (2005) escreve que as festas populares são entendidas como um fenômeno cultural que revela crenças e vivências demarcadas por um tempo e uma identidade coletiva.

Portanto, as festas e as religiões se unem para fortalecer o espírito cansado pelas angústias do cotidiano. Nas festas, os indivíduos estão mais livres em suas imaginações e possuem uma vida menos tensa. A festa teria a função de restabelecer a energia para a continuidade da sociedade, um ritual cíclico de pausa no cotidiano para a vivência de outro tempo, o tempo festivo (D’Abadia e Almeida, 2010).

Segundo as autoras (2010, p.58):

as festas religiosas são manifestações de cunho religioso cultural que se apresentam em diferentes continentes e momentos históricos da humanidade. Elas expressam a construção simbólica e cultural de determinados grupos de pessoas seguidoras da crença religiosa no interior da qual se concebe a festa.

As festas religiosas se destacam no que diz respeito ao ato da celebração da vida, pelo rompimento das atividades do cotidiano, o que permite ao homem experimentar emoções. Sendo assim, as festas demonstram respeito à fé e à fraternidade comunal, alimentam as manifestações religiosas e perpetuam as tradições que constituem um verdadeiro patrimônio cultural do grupo (Jurcevitz, 2005).

No Brasil, as festas religiosas estão atreladas à colonização portuguesa e aos demais grupos étnicos que aqui habitavam. Na maioria das vezes é vista como uma herança da influência do catolicismo tradicional (Queiroz, 1975). Nesse sentido, entende-se que o processo de colonização, marcado pela apropriação e dominação dos nativos e da natureza, contribuiu para difusão e permanência dos elementos do catolicismo na sociedade brasileira.

Ao longo do desenvolvimento cultural humano, as festas passaram a se associar a outros elementos ligados à igreja e às forças sobrenaturais, como uma maneira de agradecimento ao sucesso na agricultura. Para Araújo (1977)

As festas tiveram uma origem comum: uma forma de culto externo tributado a uma divindade, realizado em determinados tempos e locais desde a arqueocivilização. Recebeu, porém, roupagens novas após o evento do cristianismo. A Igreja Católica Romana determinou certos dias para que fossem dedicados ao culto divino, considerando-os *dias de festa*, formando o seu conjunto o *ano eclesiástico* (ARAÚJO, 1977, p.12).

Segundo o autor, estas festas dividem-se em dois grupos: as festas do Senhor e os dias dos santos.

As festas do Senhor rememoram anualmente a paixão e morte de Cristo e, em torno dos demais episódios da sua vida, gravitam as outras comemorações. O Pentecostes é uma festa do Senhor. Algumas das festas são móveis, outras fixas: a da Páscoa é do primeiro grupo, já o Natal e Epifania são fixos (ARAÚJO, 1977, p.12).

Entretanto, “as festas dos santos em geral são fixas; elas se referem a personagens bíblicos, apóstolos, sumos pontífices, virgens, mártires, anjos e à Virgem

Maria. Nestas, estão inscritas as dos padroeiros que as cidades brasileiras possuem” (ARAÚJO, 1977, p.12).

O homem rural brasileiro utiliza três termos distintos para definir as festas. Usa-se festaria para definir o conjunto de festas onde ora é religiosa, procissões, ora é dança, ora leilão e quermesses. Emprega-se o vocábulo festança para designar a festa profana, em que há muita bebedeira e gritaria, como as realizadas pelos gaúchos após as carreiras de cavalo (Araújo, 1977). A festa,

é a atividade de cunho religioso, como, por exemplo: Festa de Nossa Senhora do Rosário, Festa de Nossa Senhora da Penha, Festa de São Sebastião, padroeiros de várias cidades tradicionais do Brasil. Emprega também para aquelas de sentido religioso-profano tais como: Festa do Mastro, Festa das Canoas, Festa dos Congos. Em vários municípios do Estado do Espírito Santo, a festa dedicada ao padroeiro da cidade de uma região, é chamada Festa do Mastro, cerimônias profano-religiosas ligadas ao símbolo dendrolátrico. Festa das Canoas, denominação capixaba para Festa do Divino. Festa dos Congos, denominação regional interiorana da Bahia, das congadas. No Nordeste, a atividade profana importante, como a vaquejada, chamam-na de Festa da Apartação (ARAÚJO, 1977, p. 14).

Todavia, ambos os vocábulos para designar festa estão atrelados de alguma forma à influência da Igreja Católica, na medida em que essa instituição está presente na cultura do homem rural brasileiro, seja influenciando modos de ser ou promovendo espaços de sociabilidade.

Ao estudarem a questão dos bairros rurais e dos elementos da cultura caipira paulista de meados do século XX, Maria Isaura Pereira de Queiroz (1973) e Antonio Cândido (1987) puderam perceber que com os processos de urbanização e industrialização, houve uma diminuição das festas tradicionais e dos espaços de sociabilidade nas comunidades caipiras. Isso se deve à incorporação dos agrupamentos rurais a esfera de influência do modo de produção capitalista, no qual há uma redefinição dos modos de vida tradicional com a incorporação de padrões modernos.

Cândido (1987) escreve que:

Vemos, portanto que há na tradição cultural do caipira certas técnicas, hábitos, usos, normas, valores, que, por formarem um complexo de padrões que podem ser considerados mínimos sociais e vitais, tendem a ser superados à medida que vão se abrindo formas mais satisfatórias de ajustamento social e ecológico (CÂNDIDO, 1987, p. 222).

No atual cenário da pós-modernidade (D'Abadia e Almeida, 2010), regido pela alta industrialização, urbanização e desenvolvimento tecnológico, as crenças e práticas tradicionais vêm sendo esquecidas pelo aglomerado de informações. Nesse contexto, alguns elementos inerentes à cultura caipira e rural tradicional são redimensionados, pois

o aumento de dependência econômica condiciona um novo ritmo de trabalho; ambos condicionam uma reorganização ecológica, que transforma as relações com o meio e abre caminho para novos ajustes; este fato provoca alteração no equipamento material e no sistema de crenças e valores, antes condicionados pelo condicionamento do meio físico imediato e pelo apego às normas tradicionais (CÂNDIDO, 1987, p. 199).

As festas juninas, ciclos de santos reis e as quermesses são as mais conhecidas quando se fala da sociabilidade rural. Estas festas têm forte ligação com a Igreja Católica, pois segundo Cândido (1987), a vida lúdico-religiosa dos camponeses é definida por atividades que extrapolam o âmbito familiar, sendo um dos elementos de sociabilidade dessa cultura. Para Santos (2013) é necessário incentivar as festas dos assentamentos rurais, pois

A festa representa na maioria das vezes a reunião de uma comunidade. Essas festas, tais como: provas de laço, festas juninas, pequenos rodeios, festas dos padroeiros representam a simplicidade do homem do campo com a incorporação de elementos de seu cotidiano e da sua produção (SANTOS, 2013, p.150).

Queiroz (1973), Brandão (1989), Cândido (1987), Souza e Ortega (2010) e Aubrée (2011) mostram que a religião tem papel importante no que diz respeito à sociabilidade nas culturas assentadas no espaço rural brasileiro. Nesse sentido, citando Saint-Hilaire (1937), Cândido (1987) escreve que,

Os lavradores passam a vida na *fazenda* e só vão à vila nos dias em que a missa é obrigatória. Forçando-os a se reunir e comunicar uns com os outros, o cumprimentando das obrigações religiosas os impede, talvez mais do que qualquer outra coisa, de cair em um estado da vida selvagem (SAINTHILAIRE, 1937 *apud* CANDIDO, 1987, p.71).

Segundo Cândido (1987), é o aspecto festivo que constitui um dos pontos importantes na vida cultural caipira. Geralmente ocorrem por meio das relações de compadrio e solidariedade estabelecida entre a comunidade. Para o autor, essa relação,

Consiste essencialmente na reunião de vizinhos, convocados por um deles, a fim de ajudá-lo a efetuar determinado trabalho: derrubada, roçada, plantio, limpa, colheita, malhação, construção de casa, fiação, etc. Geralmente os vizinhos são convocados e o beneficiário lhes oferece alimento e uma festa, que encerra o trabalho. Mas não há remuneração direta de espécie alguma, a não ser a obrigação moral em que fica o beneficiário de corresponder aos chamados dos que o auxiliaram (CÂNDIDO, 1987, p.68).

Nesse sentido, os assentamentos de reforma agrária e os bairros rurais são vistos como espaços de persistência dos modos, estruturas e valores tradicionais. Tendo em vista que, “a conservação de traços aparece, pois como fator de defesa grupal e cultural, [representam] aspectos de permanência” (CÂNDIDO, 1973, p.219). Portanto, as festas tradicionais são um dos momentos de sociabilidade da cultura caipira no espaço rural.

A QUERMESSE COMO PATRIMÔNIO IMATERIAL DO UNIVERSO RURAL TRADICIONAL

A quermesse se configura como um tipo de festa popular tradicional de cunho religioso. É uma manifestação importante dentro do catolicismo e ocorre com a permissão e o incentivo da igreja e da comunidade local. Geralmente são realizadas com objetivo de arrecadar fundos para obras sociais da igreja, como o lar de crianças, asilos, abrigos e pessoas carentes. A quermesse ocorre após a realização de rituais religiosos e está vinculada ao espaço sagrado.

As quermesses definem-se como um dos espaços de sociabilidade da cultura rural tradicional. São marcadas pelas festas ligadas ao catolicismo. Sendo assim, “a quermesse apresenta-se como um lócus ideal de troca e serviço, em que o domínio afetivo, de resgate das coisas boas e fruição do melhor da vida transforma o espaço num paraíso” (PIRES; CALCIOLARI JÚNIOR, 2006, p.14).

A festa é encarada como um momento de felicidade e de reunião da cultura caipira. As comunidades camponesas possuem uma profunda relação com a Igreja

Católica, vale ressaltar que a quermesse, como espaço de sociabilidade dessa cultura, está atrelada a esta religiosidade.

Mergulhada nesse contexto de fé, crença e sacralidade, a comunidade sempre procurou se manter envolvida com a realização de festas ligadas ao catolicismo, principalmente as quermesses (PIRES; CALCIOLARI JÚNIOR, 2006, p.24).

Conforme visto em “*As Doutoradas da Quermesse*”, escrito por Antonio Pires e Anísio Calciolari Júnior em 2006, as quermesses são manifestações culturais atreladas à igreja e ao universo camponês, visando angariar recursos para construção de um templo e promoção de ações beneficentes para a comunidade local.

Ainda segundo os autores, as populações camponesas sempre construíram sua vida cotidiana em função da igreja católica. Nesse sentido, a quermesse é vista como uma manifestação cultural onde o sagrado e o profano se misturam. Do ponto de vista etimológico, a quermesse é um termo de origem germânica, em que “*Kirk- mis*”, que significa festa de dedicação à igreja. Nesse sentido, “quermesse, de *kerke, church*, igreja + *messe, misse, missa*, festival da igreja, cunhado em 1577, era um festival religioso dos países baixos, que se derivou o sentido de festa religiosa para fins caritativos” (PIRES; CALCIOLARI JÚNIOR, 2006, p. 14).

Para os autores, “a quermesse constitui-se em teatro das doações e das trocas, do cultivo da utopia como representação do que queremos que exista e para cujo alcance trabalhamos, da crença em dias melhores e da busca e vivência da emoção” (PIRES; CALCIOLARI JÚNIOR, 2006, p.14).

Ao longo do processo de construção da quermesse ocorre uma mudança no cotidiano da comunidade, em que a rotina tranquila e pacata cede lugar a um tempo de festa e comemorações. Pois,

Da quebra da rotina entediante e monótona, da vidinha pacata, do tempo cíclico de plantar e do colher, do retorno do verão e do inverno, do nada acontecer. Na quermesse, no ninho católico, ir a igreja, viver e festejar, é um ritual de reviver, é um negócio emocionante, com abertura insuspeita para novas relações, novos e velhos negócios, para o cultivo das amizades, para beber e conversar, para novas sensações (PIRES; CALCIOLARI JÚNIOR, 2006, p.15).

As quermesses constituem-se como espaços de sociabilidade mantidos por manifestações simbólicas bem significativas. De modo geral, as quermesses podem ser entendidas pela via da sociabilidade, em que ocorre o fenômeno de encontro das

populações rurais. Para Queiroz (1973), a religiosidade é a grande liga das culturas camponesas, é o que garante a sociabilidade dessas populações no espaço rural.

A sociabilidade tradicional no espaço rural une as pessoas por meio das festas de cunho religioso. As quermesses aproximam as pessoas da comunidade em prol de um objetivo comum. Ao estudar elementos inerentes à cultura caipira do município de Barretos, SP, Neto *et.al.* (2012) escrevem que as quermesses mantinham o costume e a tradição de “celebrar os santos e as datas religiosas, por meio de festejos regados com músicas, comidas e bebidas” (NETO *et.al.*, 2012, p 35). Geralmente eram realizadas na praça matriz, para demonstrar a influência da igreja católica na comunidade local. Sobre a execução das quermesses, os autores escrevem que:

Incorporando novos signos e práticas (apresentação de bandas musicais, provas de ciclismo, etc), as quermesses mantinham a velha tradição de encenação da ordem social que sempre couberam às festividades religiosas, já que os papéis exercidos nesses eventos são diferentes em grau de importância: identificam-se, por exemplo, o sacerdote, o festeiro, o músico, aquele que carrega a imagem santificada, entre outros (NETO, *et.al.*, 2012, p 35).

Para D'Abadia e Almeida (2010) a quermesse se define como uma:

atividade organizada junto ao templo católico, nos dias de festas religiosas, com o objetivo de arrecadar fundos para as obras sociais da igreja, reformas nos templos e atividades de manutenção dos serviços religiosos. Na quermesse são realizados, leilões, bingos e venda de alimentos e bebidas. Enfim, a quermesse é o momento de socialização da festa (D'ABADIA; ALMEIDA, 2010, p.63).

Para sua realização, é necessário o envolvimento e comprometimento de parte da comunidade local, por meio do trabalho coletivo, em equipes, que se revezam na festa ao longo da noite. A quermesse ocorre próxima às novenas, em comemoração ao santo da paróquia ou no aniversário da igreja.

Durante a realização da quermesse ocorrem sorteios, jogos com prêmios, venda de alimentos ligados ao modo vida caipira, como quitutes típicos, milho verde cozido, pamonha vinho quente, quentão, bolinho caipira, espetinho, bolos entre outros. Também é realizada a quadrilha.

Em geral, a população rural é quem ofertava os prêmios e prendas a serem utilizadas na quermesse. Sendo assim, havia um ritual de preparação das prendas a

serem utilizadas na festa, como o preparo dos frangos, das leitoas que eram mortos e temperados de um dia para o outro, e depois assados no forno a lenha.

Na região Sudeste, a quermesse é uma tradição que representa a Festa Junina, tendo Santo Antonio, como santo padroeiro. Como Santo Antônio é considerado o santo casamenteiro, é comum a realização de simpatias para mulheres solteiras que querem se casar.

As festas juninas e as quermesses representam uma das maiores manifestações da cultura popular brasileira, tendo em vista que abarcam conhecimentos tradicionais do universo rural ligado ao cultivo e colheita do alimento, além de rituais sobre a fertilidade do solo. As relações de compadrio, estilo de sociabilidade, estão presentes na sociedade brasileira desde a colonização, sendo relacionada com os tipos de festejos tradicionais presentes em nossa cultura.

Assim como a folia de reis e as festas juninas, as quermesses são vistas como uma das manifestações culturais ligadas ao universo caipira. Sobre a reinvenção de festas no cenário atual, temos que:

Na contemporaneidade, seguindo esse referencial, novas festas são inventadas ou re(inventadas) com elementos novos, os quais são incorporados a esse —ato religioso antigo e expressos na sociedade atual. Essa reinvenção da festa caracteriza um importante elemento da pós-modernidade, porque incorpora um aspecto essencial da experiência religiosa — o retorno ao sagrado (D'ABADIA e ALMEIDA, 2010, p.64).

O cenário atual, denominado como pós-modernidade, marcado pela globalização e alto desenvolvimento tecnológico contribui para o esquecimento dos conhecimentos tradicionais por parte da população brasileira. Isso é perceptível na medida em que, as festas, os saberes e a cultura popular estão caindo em desuso. Geralmente não há um incentivo em preservar esses saberes, são poucas as pessoas e os grupos que têm interesse em manter viva a tradição.

Nesse sentido, D'Abadia e Almeida (2010) escrevem que,

as novas formas de tecnologia e informação; a substituição do conhecimento narrativo pela pluralidade dos jogos de linguagem; a fuga de capitais; a flexibilização do trabalho; as corporações internacionais são algumas das mudanças ocorridas na sociedade moderna (D'ABADIA e Almeida, 2010, p.64).

A modernidade e sua racionalidade contribuem para o desenvolvimento de ações que diminuem a importância dos conhecimentos e das práticas tradicionais. Há uma desvalorização das tradições e do passado, que é visto como atraso, caindo no esquecimento. Há uma descaracterização das práticas tradicionais, na medida em que o folclore, as lendas, cantigas e outros saberes estão sendo engolidos pelo aglomerado de informações decorrente do atual cenário.

DESCRIÇÃO DA QUERMESSE DO ASSENTAMENTO TUPANCIRETÃ

Conforme visto na bibliografia estudada, as quermesses são festas tradicionais do universo caipira e rural tradicional (Cândido, 1985); (Queiroz, 1973), em que o sagrado e o profano se confluem em prol de aspectos coletivos (Araújo, 1977). São momentos de união, confraternização e encontro de amigos na comunidade, sendo vistos como um dos principais espaços de sociabilidade da cultura rural tradicional, pois propiciam os mutirões, as rezas e as festas.

Nesse sentido, buscamos compreender as manifestações da cultura rural tradicional no cotidiano das famílias assentadas de Presidente Venceslau, SP. No Assentamento Tupanciretã, a quermesse, uma das principais manifestações da cultura rural tradicional, é organizada em função da capela e da comunidade local e ocorre todos os anos durante o mês de Outubro.

A quermesse é organizada pelo Senhor Nego um dos líderes cultural do assentamento. Ela ocorre numa área coletiva, dentro de um “barracão de eventos”, próximo à capela (Figuras 1, 2 e 3). O Senhor Nego nos informou que foram quermesses que possibilitaram a construção e acabamento da capela, bem como do barracão. A quermesse de 2014, na qual fizemos nossa pesquisa, estava sendo feita para levantar fundos para a conclusão do barracão de festas.

Figura 1: Barracão de eventos em que ocorre a quermesse.



Fonte: Trabalho de campo realizado em outubro de 2014.

Figura 2: Capela Católica do Assentamento Tupanciretã – localizada em lote de assentado (construção recente).



Fonte: Trabalho de campo realizado em outubro de 2014.

Figura 3: Área interna da Capela do Assentamento Tupanciretã - Presidente Venceslau, SP.



Fonte: Trabalho de campo realizado em outubro de 2014.

Os próprios assentados são quem organizam e trabalham durante a festa. Durante a quermesse acontecem os bingos, as brincadeiras, os jogos e as prendas. Ao longo da festa são servidas bebidas (refrigerante, cerveja e água), doces, bolos, sorvete e, como prato principal, o churrasco no espeto, acompanhado de mandioca cozida e molho. A não ser as bebidas e o sorvete, tudo mais é recolhido (prendas) no próprio assentamento e processado pelos assentados (Imagens 4 e 5).

Figura 4: Preparo de comidas pelas assentadas.



Fonte: Trabalho de campo realizado em outubro de 2014.

Figura 5: Preparo do churrasco no espeto (Prato principal da Festa).



Fonte: Trabalho de campo realizado em outubro de 2014.

Além de bebidas e comidas, a quermesse conta com a presença de um locutor que promove o bingo, os jogos e brincadeiras, além de uma banda que entretém o público no decorrer da festa (Figuras 6 e 7).

Figura 6: Locutor ditando os números sorteados no bingo.



Fonte: Trabalho de campo realizado em outubro de 2014.

Figura 7: Palco em que ocorre a apresentação das duplas e grupos.



Fonte: Trabalho de campo realizado em outubro de 2014.

Para os assentados do Tupanciretã, a quermesse é entendida como um espaço de encontro e confraternização da comunidade, um momento de fé, marcado pela confluência entre o sagrado e o profano, em que as pessoas degustam comidas e bebidas tradicionais, contando com a participação de músicos regionais e promoção de um baile (mais ao final da tarde). Além dos moradores dos assentamentos vizinhos (do próprio

município de Presidente Venceslau e Caiuá), os assentados fizeram questão de nos mostrar quantos “moradores da cidade” estavam na festa de outubro/2014. Até mesmo nossa presença foi alegada como “visita de gente de Presidente Prudente” (Figura 8).

Figura 8: Visão geral da Quermesse.



Fonte: Trabalho de campo realizado em outubro de 2014.

A quermesse apresenta-se como um forte elemento constitutivo do modo de vida dos assentados, “assim como é também uma de suas mais importantes linguagens” (PIRES; CALCIOLARI JÚNIOR, 2006, p.31).

A realização da quermesse no assentamento representa o momento de fé e de agradecimento, como também um espaço de encontro e confraternização entre a comunidade. Pois conforme visto em Pires e Calciolari Júnior (2006) “a festa representava para as pessoas o espaço onde se sentiam integradas à comunidade, o momento onde se doavam para o bem comum” (PIRES; CALCIOLARI JÚNIOR, 2006, p.53).

No caso do Tupanciretã, a quermesse é um fenômeno que une a comunidade em prol de um objetivo coletivo, em arrecadar fundos para a capela do assentamento. Em conversa informal com o festeiro (Senhor Nego) ele informou que o arrecadado em dinheiro seria para completar a construção do próprio barracão de festas, já que parte dele ainda é de lona (Figura 9) e a capela já está finalizada. Nesse sentido, acreditamos que há uma ressignificação dos aspectos da cultura rural tradicional, na medida em que

se misturam práticas referentes à modernidade, como uso de tecnologias, incorporação de novos alimentos e bebidas na realização de festas.

Figura 9: Visão do barracão da quermesse, com cobertura parcial em lona.



Fonte: Trabalho de campo realizado em outubro de 2014.

Conforme visto em “As Doutoradas da Quermesse” (2006), a quermesse é o fenômeno social mais utilizado para arrecadação de fundos para a igreja católica e comunidade. Assim como o universo empírico do livro, é a partir da quermesse que os assentados se reúnem, se encontram, se mobilizam, se fazem presentes, ganham vida, se desencontram e reencontram (PIRES; CALCIOLARI JÚNIOR, 2006). Autoridades locais (como vereadores, o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Presidente Venceslau e um secretário municipal) estiveram na quermesse, que é o momento também de algum nível de conversa mais política. Por outro lado, o Sr. N. nos informou que a presença do padre é muito escassa, pois o mesmo é responsável por toda zona rural do município (ele não estava na quermesse).

Em campo, pudemos perceber que com a realização da quermesse há um fortalecimento das relações sociais dentro do assentamento, pois é um momento de confraternização entre as famílias assentadas, gerando um sentimento de pertencimento à comunidade, assim como de reconhecimento do assentamento por parte da cidade, já

que as autoridades compareceram à festa. A partir das ideias de Pires e Calciolari Júnior (2006) acreditamos que no caso do assentamento Tupanciretã, a quermesse é

o lugar socialmente produzido onde ocorre a manifestação lúdica da fé, o que torna o momento singular e efêmero, visto ser nele que se estabelecem as relações entre os mundos do sagrado e do profano, tornando o lugar da festa mágico, pois é nele que emerge o princípio de (re)significação da vida (PIRES; CALCIOLARI JÚNIOR, 2006, p.79).

Sendo assim, para os autores, a quermesse é o canal em que há a manifestação cultural do campo do sagrado, na vida da comunidade rural.

De modo geral, no assentamento Tupanciretã, a quermesse ocorre como uma forma de socialização e encontro entre as famílias assentadas. É caracterizada como uma manifestação cultural do universo rural tradicional, em que o assentado resguarda e valoriza essa cultura. Depois da refeição (almoço) a festa foi até a noite, com grupo musical da região animando a noite.

Verificamos que a quermesse foi ressignificada no contexto da reforma agrária, na medida em que aspectos tradicionais misturaram-se com práticas ligadas à cultura contemporânea (alimentos industrializados, contatos políticos etc). Apesar desse cenário, acreditamos que os assentamentos rurais são um dos poucos espaços que mantêm vivos em seu cotidiano, as manifestações, práticas, conhecimentos e saberes tradicionais ligados à cultura rural tradicional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O espaço rural brasileiro se materializa a partir de dinâmicas familiar, econômica, produtiva e cultural. Abriga sujeitos de múltiplas origens e trajetórias que buscam no meio rural uma estratégia para sua reprodução social. Esse espaço é compreendido por diversas maneiras dentro da ciência, desde abordagens que priorizem o rural como espaço tradicional, o rural como moderno e o rural como socioambiental (Braudenburg, 2010).

Todavia, o campo brasileiro também pode ser entendido como um território de disputa entre dois modelos opostos que são lidos a partir das relações de poder. O Paradigma da Questão Agrária *versus* o Paradigma do Capitalismo Agrário, que “em síntese, para o paradigma da questão agrária, o problema está no capitalismo e para o

paradigma do capitalismo agrário, o problema está no campesinato” (FERNANDES, 2013, p.69).

Segundo Braudenburg (2010) o ambiente o rural na modernidade é tratado de diversas formas pelos estudiosos. Para uns, a modernização levará ao seu desaparecimento, na medida em que, a “industrialização” do campo pode destruir as formas de organização social da agricultura camponesa ou familiar. “Para outros, o rural é reconstruído por atores diversos, dentre os quais o agricultor familiar, principal personagem de um rural ancorado na tradição da vida social camponesa” (BRAUDEMBURG, 2010, p. 417).

Partimos da hipótese de que mesmo não sendo um espaço de origem tradicional, com famílias de múltiplas origens e trajetórias, os assentamentos rurais são espaços de produção, reprodução e manutenção da cultura rural tradicional. Entendemos o meio rural brasileiro como um mosaico cultural de saberes e práticas que revelam aspectos de um modo de vida tradicional.

O assentamento de reforma agrária foi objeto de nossa pesquisa, nele percebemos que ainda existem elementos que caracterizam um modo de ser – viver – estar tradicional que se reproduzem no cotidiano das famílias assentadas. Por meio da realização da quermesse - uma festa religiosa tradicional dentro das comunidades rurais no Brasil - vimos que apesar da presença de elementos modernos, ainda existem espaços de sociabilidade tradicional entre os assentados, a partir do mutirão (na construção da festa) e das relações de vizinhança entre as famílias, além da presença da Igreja.

Em suma, analisamos e descrevemos uma quermesse realizada no Assentamento Tupanciretã, importante patrimônio cultural do universo rural tradicional. O espaço rural em questão foi interpretado a partir de uma ótica cultural, visando compreender as dimensões dos assentamentos rurais a partir de temas ligados ao patrimônio cultural, à cultura popular, e aos saberes tradicionais. As famílias assentadas se inserem nesse cenário como guardiões de um patrimônio cultural precioso, pois reproduzem em seu cotidiano, os conhecimentos e as técnicas ligados ao universo rural tradicional, ressignificando seus espaços e tornando o território em “lugares” de transmissão de cultura popular.

Nesse sentido, acredita-se que o rural pode ser lido a partir de uma dimensão cultural que englobe as festividades e manifestações culturais como formas de

expressão dos grupos camponeses, agricultores familiares, sítiantes e assentados, sujeitos que vivenciam e protagonizam o meio rural brasileiro.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, A. M. **Cultura Popular Brasileira**. Companhia Melhoramentos. 3ª edição. São Paulo, 1977.

BRANDÃO, C. R. **Sacerdotes de Viola**. Vozes. Petrópolis, RJ, 1989.

BRAUDEMBURG, A. Do rural tradicional ao rural socioambiental. **Ambiente e Sociedade**. Campinas, v. XII, n. 2, p. 417-428, jul.-dez., 2010.

CANDIDO, A. **Os Parceiros do Rio Bonito**. Ouro Sobre Azul. 1987.

CASCUDO, L. C. **Dicionário Do Folclore Brasileiro**. Global Editora. 10ª edição, São Paulo, 2000.

CAVALCANTE, M. B. **O conceito de pós-modernidade na sociedade atual**. Brasil Escola, 2016. Disponível em: <<http://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/geografia/o-conceito-posmodernidade-na-sociedade-atual.htm>>.

D'ABADIA, M. I. V; ALMEIDA, M. G. Festas religiosas e pós-modernidade. **Geonordeste**, Ano XX, n.2. 2010.

FERNANDES, B. M. **Construindo um estilo de pensamento na questão agrária: o debate paradigmático e o conhecimento geográfico**. 2013. 2v. Tese (Livre-docência) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade Ciências e Tecnologia, 2013. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/106708>>.

HARVEY, D. **Condição Pós-Moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. 6 ed. São Paulo: Loyola, 1996.

JURCEVITZ, V. I. Festas religiosas: a materialidade da fé. **História: Questões & Debate**. Curitiba, n. 43, p. 73-86, 2005. Editora UFPR.

MACIEL, M. C. **Tupanciretã: Deus passou por aqui – um estudo sobre as relações entre movimentos sociais nos assentamentos rurais Primavera e Tupanciretã no**

Pontal do Paranapanema/SP. Tese (Doutorado em Sociologia). Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2011.

NETO, H. P.; LASTÓRIA, A. C.; MELLO, R. C. Um olhar perspectivo sobre a(s) cultura(s) caipira(s) brasileira(s): reflexões a propósito da experiência de uma cidade do interior paulista. **Le Brésil caipira. Une culture, sés representations.** 2012. p.35-55.

OLIVEIRA, F. H. F. **Cultura no espaço rural: estudo do patrimônio cultural e dos saberes tradicionais nos assentamentos do Pontal do Paranapanema.** Relatório Final Pibic/CNPq. Presidente Prudente, SP, 2014.

_____. **Aspectos da cultura rural tradicional na Reforma Agrária: estudo nos assentamentos de Presidente Venceslau, SP.** 2015. 1 CD-ROM. Monografia (Bacharelado em Geografia) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Tecnologia, 2015. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/124191>>.

PIRES, A. G. M. G.; JÚNIOR CALCIOLARI, A. **As Doutoradas da Quermesse.** Lazer & Sport, Londrina, 2006.

QUEIROZ, M. I. P. **O Campesinato Brasileiro.** Vozes. Petrópolis, RJ, 1973.

RANGEL, L. M. V. **Festas juninas, festas de São João, tradições e história.** São Paulo: Publishing Solutions, 2008.

SANTOS, C. N. **O Patrimônio cultural e as identidades territoriais como possibilidades de desenvolvimento da atividade turística no município de Rosana/SP.** Dissertação (Mestrado em Geografia). FCT/UNESP. Presidente Prudente, SP, 2013.

SOUZA, M., ORTEGA, G. A troca na sociedade rural: reflexões sobre catolicismo popular. **Extraprensa,** América do Norte, 1, nov. 2010. Disponível em: (Acesso em: 28. Maio de 2014).